

# Educação em tempo de videogame

Revisitando Algumas Idéias de McLuhan

---

**N**os idos dos anos 60, um pesquisador canadense chamado Marshall McLuhan fez um claro chamamento para que atentássemos para um fenômeno, de proporções globais, que ele descrevia como "a **dissolução da civilização fonético-literária**", pela revolução eletrônica e informacional já então em curso.

Hoje, passados quase trinta anos, são claramente perceptíveis os avanços desse processo, com efeitos em todas as áreas de atividade humana. A televisão está generalizada, menos nos países do chamado Terceiro Mundo, transformando favelas em emaranhados de antenas metálicas; as crianças passam horas e horas em frente a videogames, em prodígios de atividades motoras e manipulando gigantescas quantidades de informações visuais e sonoras em frações de segundos. A telemática vai-se tomando parte do nosso dia-a-dia: nos bancos, com seus terminais eletrônicos, permitindo nossos pequenos saques ou manipulando astronômicas somas monetárias que só existem como bits nas memórias de máquinas; nos hospitais e consultórios dentários informatizados; nos salões de beleza, onde se podem testar, na tela de um computador, cortes de cabelo e padrões de maquiagem, antes de efetivamente executá-los em nossas pessoas, evitando, assim, tardios arrependimentos. Os computadores domésticos invadiram nossas casas, facilitando nosso trabalho, dando-nos acesso a banco de dados cada vez mais complexos, permitindo que um texto como este seja digitado e editado à vontade. Nos países tecnologicamente mais avançados, sistemas integrados de computador e telefonia, (como o Militel francês) permitem que se faça quase tudo (inclusive compras, apostas na loteria e até um simulacro de sexo) sem sair de casa. A simultaneidade e instantaneidade da informação, trazem do o desencaixe entre Tempo e Espaço, fazem com que Bagdá em chamadas esteja efetivamente mais perto de nós, que um bairro de periferia numa grande cidade<sup>2</sup>. A realidade virtual - uma técnica ainda engatinhando - promete mundos artificiais com os quais poderemos interagir sem sair de nossas poltronas, quiçá até passando nossas férias numa Acapulco ou Paris virtualmente criadas por um programa de computador, acompanhados pelo artista ou atriz de cinema de nossa escolha...

Os efeitos de tudo isso sobre a Educação tem sido, é claro, objeto de debate, desde há algum tempo. No entanto, ainda

hoje, as discussões tendem a centrar-se muito mais sobre conteúdos veiculados por esses meios e, conseqüentemente, sobre sua utilização como veículos para determinados conteúdos no processo de ensino. Muito pouco tem sido pesquisado em termos dos efeitos sobre a sensibilidade e o imaginário que a generalização desses meios está causando.

No contexto de alta polarização político-ideológico dos anos 60, grande parte do que foi dito por Marshall McLuhan foi ignorado ou preterido, em função de análises "mais políticas" de seu discurso. Vale a pena revisitarmos, ainda que brevemente, porém desarmados de preconceitos, alguns aspectos de seu pensamento e refletirmos sobre eles, no âmbito da busca da renovação das práticas educacionais contemporâneas.

Para McLuhan, um efeito observável da chamada revolução informacional e eletrônica seria a (re)descoberta de uma sensibilidade integral, manifestada através de um considerável deslocamento

**de da mesa, que levou à fixação de lugares à sua volta, que levou a uma série de conseqüências no plano da interação social, dos utensílios usados para as refeições, da etiqueta, etc".<sup>5</sup>**

Pensar essas tecnologias como "**extensões**" do homem e acertar que daí resultam formas de perceber e organizar o mundo ao nosso redor, formas de agir e interagir, formas de nos agruparmos socialmente, etc, parece ser algo assimilável com relativa facilidade. Um pouco mais problemático, talvez, seja a assimilação da idéia (e das conseqüências dela decorrente, inclusive para a Educação) de que os meios de comunicação eletrônicos, de massa, a mídia contemporânea, a telemática com todos os seus desdobramentos, constituam também extensões do homem. A diferença estaria no fato de não estarmos tratando aqui desta ou daquela tecnologia como extensão deste ou daquele órgão ou parte do organismo humano, mas sim, do conjunto dos meios de comunicação contemporâneos como uma extensão de nosso próprio sistema nervoso.

Ao tratar da revolução eletrônica e informacional, McLuhan está trabalhando com a idéia de um ambiente artificialmente criado-o ambiente eletrônico-concebido como extensões diretas de nosso sistema nervoso. Esse ambiente (algumas vezes por ele chamado de "**elétrico**", ou "informacional") vai ter relação pelo menos tão profunda para com nossa condição humana quanto o antigo ambiente "**natural**".

***A mecanização da escrita mecanizou a metáfora visual-acústica na qual toda civilização se apoiou; essa mecanização da escrita criou a sala de aula e a educação de massa, a imprensa moderna e o***

*telégrafo. Ela foi a linha-de-monta-gem original Gutenberg tornou a História disponível na forma de todos organizados: o livro transportável trouxe o mundo dos mortos para o espaço da biblioteca do cavaleiro; o telégrafo trouxe o mundo inteiro para a mesa do café da manhã do trabalhador* -Essa idéia do "ambiente elétrico ou informacional" é de crucial importância no pensamento de McLuhan. Para ele, os efeitos das mídias eletrônicas constituem novos ambientes, que são tão imperceptíveis para nós, quanto a água é para o peixe, e tão crucialmente vitais. É nesse sentido que o ambiente criado pelas novas tecnologias comunicacionais deve ser o centro de nossa atenção.

***Os efeitos da tecnologia não ocorrem em níveis das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção, num passo firme e sem qualquer resistência***<sup>7</sup>.

Avança-se pouco, enquanto se concentram todos os esforços na análise dos conteúdos veiculados por tais meios, (seus efeitos sobre as mentes dos jovens, seu potencial de cooptação ou direcionamento político das massas, etc). A essas alturas, pouco mais que o óbvio poderá ser dito em estudos dessa natureza.

E mais. Enquanto persistir a centralidade da análise dos conteúdos como norteador das investigações, a relação entre Educação e Meios de Comunicação será fatalmente definida em termos da melhor maneira de usarmos esses meios para a veiculação de conteúdos educacionais previamente definidos. E isso é pouco...

Há razões para que seja essa a tendência dominante nas análises. Com efeito, o ambiente, de alguma forma, permanece invisível. O que aparece, o que tem visibilidade, são os conteúdos, o ambiente anterior, que precedeu aquele que está em formação. Essa interação entre o ambiente e os conteúdos, entre as antigas e as novas tecnologias, ocorre em todos os níveis da vida humana. McLuhan exemplifica dizendo que, na política, o novo conservadorismo tem como seu conteúdo o velho liberalismo. É preciso, portanto, ir além dos conteúdos para tentar visualizar o próprio ambiente e seus efeitos. Diz McLuhan:

***Até agora, toda mídia tem sido abordada através da idéia da "Terra plana", ou seja, para o senso comum, a Terra é plana. Para a percepção individual, sem auxílio de aparelhos, ela sempre parecerá plana. Todos os tipos de mídia tampouco parecem exercer qualquer efeito sobre a percepção ordinária. Elas simplesmente parecem servir a propósitos humanos (tal como as cadeiras !) e veicular dados, etc. No entanto, num plano macroscópico, o conteúdo esmaece e o próprio meio adquire outras proporções, tal como a Terra para o astronauta, O passar do tempo fornece, com relação à mídia, a distância macroscópica que o telescópio fornece para os Céus***<sup>3</sup>. Escrevendo no final dos anos 60, McLuhan vai caracterizar aquele momento como "**de choque entre o velho e o novo ambiente**", com conotações e desenvolvimentos anarquistas e niilistas. Os novos impulsos de envolvimento e tribalismo colidiam contra as antigas formas institucionais, marcadas pela especialização, pela

ponsabilidade e pela autoridade. Por outro lado, ele vê também a formação do que denomina "**Múltiplos ambientes de serviço**" que, funcionando como novos **habitats**, no bojo do ambiente eletrônico que nos envolve, tenderiam a ligar as pessoas, aproximá-las, através da intercomunicação eletrônica.

A gradual dissolução da civilização fonético-literária, operada pela revolução eletrônica, estaria (re)instaurando uma forma de sensibilidade que, deixando de ser predominantemente visual (como vinha sendo o caso nos últimos 2500 ou 3000 anos), passaria a ser, essencialmente, tátil:

***A taticidade extrema e pervasiva do novo ambiente elétrico resulta numa mescla de energia pervasiva que penetra nosso sistema nervoso incessantemente. O sentido do toque foi anestesiado na Idade Mecânica, mas hoje a televisão é apenas um dos agentes tácteis transformando a percepção popular. É claro que a TV a cores é ainda muito mais tátil que a preto e branco. A taticidade é o sentido integral, aquele que coloca todos os outros em relação. E esse sentido é altamente incrementado (enhanced) pelos padrões de polarização e feedback (retroalimentação) de nosso ambiente elétrico<sup>9</sup>.***

É preciso que se tenha claro que taticidade, na acepção usada por McLuhan, não se refere a apenas um sentido (o tato), mas indica a interação (interplay) de todos os sentidos<sup>10</sup>. Poderíamos interpretar essa idéia como uma questão de combinatória, do modo como, em cada época, de acordo com as diferentes tecnologias disponíveis, nossos sentidos se arranjam, uns em relação aos outros, produzindo o "ambiente", forma como construímos e percebemos o mundo.

Uma criança aprende uma língua em um ou dois anos. A razão pela qual isso é possível é simples: a língua é um "ambiente". McLuhan sugere que, no plano genérico da Educação, não existem razões pelas quais a Física ou a Matemática não possam passar a ter a mesma codificação ambiental, sendo então aprendidas com a mesma velocidade e facilidade<sup>11</sup>. **Para McLUHAN:**

***O cinema e a televisão completam o ciclo de mecanização do sensorio humano. Com o ouvido onipresente e o olho móvel, abolimos a escrita, a metáfora audiovisual especializada que estabeleceu a mecânica da civilização ocidental. Ao ultrapassarmos a escrita, recuperamos a nossa Totalidade, não num plano nacional ou cultural, mas cósmico. Evocamos um homem supercivilizado, subprimitivo<sup>?</sup>.*** O panorama de superação da civilização fonético-literária, proposto por McLuhan não deve levar ninguém à apressada conclusão de que a escrita esteja pendendo sua razão de ser, ou que o livro tenderia a desaparecer. Simplesmente o que ocorre é que uma redefinição do lugar dessas diferentes tecnologias comunicacionais no conjunto das técnicas, configurando diferentes ambientes, geradores de uma nova sensibilidade e constituidores de um novo imaginário social. A experiência do homem imerso nesse novo ambiente eletrônico difere totalmente daquela de seus antepassados.

***As crianças da era da TV viveram diversas vidas ao tempo em que entram numa escola de primeiro grau, da mesma maneira que elas viajaram muito mais na idade de sete anos do que seus avós viajaram durante toda a sua existência***<sup>13</sup>.

E, no entanto, essa criança da era da TV, ao entrar na escola, é submetida a currículos que são, basicamente, os mesmos a que eram submetidos seus bisavós, temperados apenas com uma pitada de um "audiovisual", que na verdade nada mais é que a tentativa de colocar os novos meios a serviço dos velhos conteúdos, das velhas tecnologias da civilização fonético-literária.

A taticidade induzida pelo ambiente eletrônico, configurando novas interações entre os sentidos humanos, produz também um desejo de um maior envolvimento. Para McLuhan, as crianças que estiverem expostas a uma década de televisão sentem uma tal necessidade de envolvimento com o mundo que faz com que todos os objetivos remotos e visualizados de nossa cultura visual pareçam não apenas irrelevantes, mas anêmicos. O distanciamento, epitomizado na idéia da objetividade científica, um dos pilares da Modernidade, é um produto do ambiente fonético-literário, e determinado estágio de sua conformação; o novo ambiente informacional produziria não mais distanciamento, mas envolvimento. E essa mudança de atitude nada tem a ver com o conteúdo do que é mostrado pelos programas de TV:

***A atitude seria a mesma ainda que os programas consistissem exclusivamente do mais alto conteúdo cultural. A mudança de atitude resulta da relação dessas crianças com a imagem da TV e portanto ocorreria em qualquer circunstância***<sup>14</sup>. Evidentemente, o imaginário das crianças submetidas a esse meio eletrônico deverá guardar relação com ele. Pode-se, hoje em dia, falar de um "imaginário eletrônico" e talvez os chamados "cyberpunks" (grupos de jovens que precocemente programam computadores, penetram ilegalmente nos grandes sistemas de bancos de dados e informações sigilosas de multinacionais ou organismos do Estado, praticam a pirataria cibernética e se comunicam entre eles através de redes de computadores) constituam o exemplo mais extremo de um grupo cujo imaginário é produto indubitável do novo ambiente eletrônico/ informacional. Mas já em finais da década dos 60's. McLuhan chamava a atenção para o fato de que:

***As crianças do homem tecnológico respondem com um deleite espontâneo à poesia dos trens, navios, aviões e à beleza dos produtos da máquina. Na sala de aula, elas têm sua experiência natural suprimida; elas são divorciadas de sua cultura. Não se permite que elas tenham acesso à herança tradicional da humanidade através da porta da consciência da tecnologia; essa única porta possível é fechada violentamente em suas caras***<sup>15</sup>.

McLuhan relata uma interessante experiência no campo da Educação, levada a cabo por Archibald Mackinnon, diretor da Faculdade de Educação da Universidade de British Columbia, nos anos 60. Be trouxe para a universidade nativos que jamais haviam tido contato com a civilização ocidental e os expôs a situações sofisticadas, sem qualquer treino anterior em termos dos padrões de conhecimento de nossa

cultura. Por exemplo, ele permitiu que eles explorassem livremente um avião a jato e, ao cabo de três ou quatro meses, os nativos não somente eram capazes de pilotar o avião, mas também consertar qualquer defeito mecânico. Archibald McKinnon concluiu que os nativos simplesmente não se relacionam com a máquina da mesma forma que nós o fazemos. Eles a encaravam como nós encararíamos um animal doméstico, como algo integral e vivo. Partindo da unidade total do mecanismo, eles o apreendiam enquanto total, da mesma maneira que uma criança ouvindo uma língua estranha intui que ela tenha significado e organização. Em ambos os casos, trata-se de uma abordagem de **"campo total"** (total field approach), e essa é a única forma de abordagem que poderá funcionar sob as condições elétricas de nosso novo ambiente<sup>16</sup>.

Nada que se deseje estudar em profundidade, diz McLuhan, pode permanecer fragmentado como uma **"matéria"** num **"currículo"**; uma sala de aula é uma obsoleta casa de reclusão, uma masmorra feudal. Imagens que antecipam idéias a serem trabalhadas por Michel Foucault na década seguinte. Mas isso já é outro assunto... A tarefa que se coloca para o pesquisador em Educação não é nada simples. É necessário renunciar-se à nossa natureza de peixes fonéticos-literários, à qual nos acostumamos ao plano de séculos de História, para podermos perceber a água que nos rodeia e passarmos a atuar de acordo com o novo ambiente em formação. Tarefa decerto extremamente desafiadora, para a qual McLuhan, obviamente, não tem fórmulas prontas para oferecer

***Ninguém conhece ainda a linguagem inerente à nova cultura tecnológica, somos todos cegos e surdos-mudos, em termos da nova situação. As nossas palavras e nossos pensamentos mais impressionantes atraem-nos ao refúgio e podem ser historicamente contes-riram-se ao previamente existente, todos como, no mínimo, ambivalentes, não ao atual. Estamos de volta ao ou que algumas (muitas?) de suas espaço acústico. Começamos de metáforas podem ser classificadas como novo a estruturar os sentimentos "forçadas" demais. Pode-se acusá-lo e as emoções primordiais, de que de "determinismo tecnológico", ou de 3000 anos de letras nos divorcia- frequentemente ignorar por completo a aro<sup>17</sup>, "dimensão do Poder e seus mecanismos", em suas análises. Tudo isso pode Sim, é verdade. McLuhan pode soar serfeiteojáfoifeito com maior ou menor algumas (muitas?) vezes como um procompetência. O que não se pode fazer feta ou um pregador. É verdade também é ignorá-lo. Ou ainda pior, não levá-lo a que algumas de suas afirmações e exem-sério.***

---

## NOTAS

1 McLuhan, M. & Fiore, Q. War and Peace in the Global Village. New York, Bantam Books, 1968

2 Sobre o conceito de desencaixe do Tempo e Espaço, vide Giddens, A. As Conseqüências da Modernidade, São Paulo, Ed. Universidade Estadual Paulista, (UNESP), 1991

3 Para uma discussão detalhada da chamada Civilização da Escrita, recorra-se ao que talvez seja a mais conhecida obra de Marshall McLuhan, A Galáxia de Gutenberg, São Paulo, Cia. Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

4 McLuhan M. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem (Understanding Media). São Paulo, Cultrix, 1974, pp. 69/70.

5 Interessantes considerações nessa linha podem ser encontradas na obra de Norbert Elias, produzida no ano de 1939, O Processo Civilizador. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

6 McLuhan, M. Counterblast, London Rapp & Whitting, 1970, p.15.

7 McLuhan, M. Os meios de Comunicação como extensões do Homem. São Paulo, Ed. Cultrix, 1974, p. 34.

8 Idem, *ibid.* p.22

9 Idem, *idem.* p.76/77

10 McLuhan, M. (1970) *op. cit.*, 1970, p. 23

11 McLuhan, M. & Fiore, Q. War and Peace in the Global Village. New York, Bantam Books, 1968 p. 151

12 McLuhan, M. "Cinco dedos soberanos dificultam a respiração", in: Carpenter, Edmund & McLuhan, Marshall (Orgs.). Revolução na Comunicação. Rio de Janeiro Zahar, 1980.

13 McLuhan, (1970), *op. cit.* 28.

14 Idem, *ibid.*, p.27

15 Idem, *ibid.*, p. 50

16 McLuhan, M. & Fiore, Q. (1968), *Op. Cit.* p. 151/52.

17 McLuhan, M. & Carpenter, E. (Orgs.), *Op. Cit.*, p.248

de nossa vida sensorial. Estaríamos redescobrimo, através da situação criada pela revolução eletrônica, uma sensibilidade que ele chamará de **"tribal"**

Uma sociedade oral ou tribal, explica McLuhan, estrutura-se através de um campo de relações totais e simultâneas, que ele descreve como **"o espaço acústico"** dessa sociedade. Tal campo é diametralmente distinto daquele estruturado pela civilização visual e mecânica (produto essencialmente da escrita, na concepção de McLuhan) que caracteriza o Mundo Moderno<sup>3</sup>. Contrapondo-se à simultaneidade e totalidade, temos parcelamento e fragmentação, fazendo com que a existência de pontos de

vista e objetivos específicos e separados passem a ser encarados como naturais e inevitáveis pelo homem na civilização visual, fonético-literária:

**... a perspectiva imediata para o homem ocidental, letrado e fragmentado, ao defrontar-se com a implosão e/étrica dentro de sua própria cultura, é a de transformar-se rápida e seguramente numa criatura profundamente estruturada e complexa, emocionalmente consciente de sua total interdependência em relação ao resto sociedade humana"** Para McLuhan, as tecnologias são extensões do homem: a roda é uma extensão dos pés; o binóculo uma extensão dos olhos; as roupas uma extensão da pele, e assim por diante.

Essas tecnologias, essas extensões, sejam do corpo ou do sensorio humanos, têm consequências sobre a forma de ser do Homem e podem, por sua vez, gerar novas necessidades e novas tecnologias. McLuhan diz que a invenção da cadeira (uma extensão do "trazeiro humano! levou à necessida-